

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

LINGUAGEM COMO PERFORMANCE: DISCURSOS QUE TAMBÉM FEREM

Glenda Cristina Valim de Melo

Luciana Lins Rocha

INTRODUÇÃO

No nível discursivo, certas vidas não são de modo algum consideradas vidas, elas não podem ser humanizadas; elas não se encaixam em enquadre dominante nenhum para a humanidade, e sua desumanização acontece primeiro nesse nível. Esse nível então suscita uma violência física que em certo sentido entrega a mensagem de desumanização já operante na cultura.¹ Judith Butler (2004).



Discursos e ações como instâncias apartadas. Essa visão muito presente no senso comum muitas vezes obnubla a função principal da linguagem de nos permitir agir no mundo com ela. O ponto levantado por Butler na epígrafe acima nos chama a atenção de maneira contundente para a relação inexorável entre linguagem e ação social. Segundo ela, a deslegitimação de certas vidas é iniciada na linguagem, desenhando uma trajetória de violência simbólica e física naturalizada por discursos que desumanizam certos grupos.



Graças à sociedade midiática do discurso em que vivemos, a reflexividade sobre as potencialidades da linguagem tem sido colocada em evidência. As redes sociais têm papel importante nesse processo, pois discursos múltiplos e não raro conflitantes nos são, diariamente, apresentados na velocidade de um clique. Esses discursos chamam a atenção para o caráter normativo de algumas

¹ Tradução Nossa. On the level of discourse, certain lives are not considered lives at all, they cannot be humanized; they fit no dominant frame for the human, and their dehumanization occurs first, at this level. This level then gives rise to a physical violence that in some sense delivers the message of dehumanization which is already at work in the culture

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

narrativas sobre a vida social², dando voz a narrativas alternativas que muitas vezes apontam para o caráter ficcional de tais narrativas regulatórias.

Não se pode negar que os discursos que circulam atuam no mundo social de maneiras diversas, mostrando-nos como é mitigadora do potencial da linguagem a visão de que ela está desvinculada das ações. A título de ilustração, uma campanha publicitária misógina pode ser retirada de circulação em decorrência da atuação de discursos feministas em redes sociais. Observamos, nesse caso, como linguagem e ação estão estreitamente relacionadas.



Neste artigo, pretendemos discutir a visão de linguagem como performance, uma perspectiva que coloca no centro a ideia de que agimos no mundo com nossos discursos mesmo quando imaginamos apenas descrever algo. Procurando também ilustrar a relação inexorável entre discurso e ação, lançaremos mão de discursos que circulam em redes sociais e que tornam mais visível essa relação, como o caso já citado da propaganda de cervejas.



Ao nos emprendermos pelas definições de linguagem como performance, o conceito de linguagem performativa de J.L. Austin pode ser considerado basilar na discussão que pretendemos desenvolver, sendo importante indicar que sua visão tripartida inicial dos atos de fala foi abandonada antes do término de sua obra, algo que nem sempre é lembrado se considerarmos apenas os desdobramentos de Searle do trabalho de seu mestre. A releitura de Derrida sobre tais atos de fala também nos auxilia na compreensão de como os atos de fala podem ser são naturalizados pela repetição. Além disso, teórico(a)s pós-estruturalistas como Butler e Foucault se dedicam a aprofundar a discussão acerca do potencial dos discursos. Ainda que pouco relacionada à

² Campanha de uma marca de cervejas lançada no carnaval de 2015 que tinha como slogan a frase “Esqueci o não em casa”. Em redes sociais, grupos ativistas, mulheres e homens indignados com uma certa apologia ao estupro complementaram o cartaz com a frase “E trouxe o nunca”.

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

teorização queer comumente associada a esses autores, a ideia de linguagem performativa parece estar intimamente ligada ao trabalho de ambos, que nos oferecem um caminho importante no entendimento dos modos de naturalização de certas compreensões sobre a vida social e de como podemos agir com nossos discursos na tentativa de produzir um mundo onde vidas humanas não sejam hierarquizadas, como veremos a seguir.

LINGUAGEM COMO PERFORMANCE

Austin (1990 [1962]) pode não ter sido o primeiro teórico a se ocupar do que a linguagem faz no mundo, porém foi o primeiro afiliado aos estudos da linguagem a suscitar reflexões de impacto considerável no ocidente para a visão performativa da linguagem (Ottoni, 2002). O autor desenvolve uma discussão sobre como usamos as palavras para agir no mundo, abalando consideravelmente a ideia modernista de linguagem como intermediário epistêmico. Para ele, entender que a linguagem relata, descreve o “real” é uma “falácia descritiva” (Austin, 1990 [1962], p.23), pois a linguagem não só descreve, ela traz à existência aquilo sobre o quê fala.



Segundo a proposta inicial de Austin, quando nossos enunciados fazem coisas não podemos avaliá-los em termos de valor de verdade, ou seja, não são falsos ou verdadeiros em relação a um mundo “real”. Tais enunciados, por ele chamados performativos, são considerados em relação a suas condições de felicidade, ou seja, à sua eficácia em termos de ação no mundo. Um dos exemplos é o batismo: ao realizá-lo o sacerdote não descreve apenas um fato, ele realiza uma ação. Entretanto, caso o batismo seja feito por alguém não autorizado, ou pelo sacerdote errado, por exemplo, e o ato é considerado nulo, não eficaz – mas não sem efeitos.



Ao buscar estabelecer a estrutura dos atos de fala performativos, no entanto, Austin abandona a distinção entre atos constatativos e

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

performativos, voltando-se para o estudo do ato de fala de maneira geral. Se estabelecer tal distinção é estéril, é mais produtivo voltar-se para as circunstâncias de produção dos enunciados. A partir desse ponto, o estudioso passa a considerar o ato de fala em três níveis, cada um enfocando determinada função: ato locucionário, que envolve as funções semântica e referencial da linguagem; ato ilocucionário, relacionado ao tipo de ação que o(a) falante procura realizar – um aviso, um pedido, uma promessa; e finalmente o ato perlocucionário, que engloba os efeitos dos dois níveis anteriores. Embora o autor tenha apontado que usar a linguagem equivale sempre a agir no mundo, numa perspectiva que prioriza o caráter social e não estrutural da linguagem, seus investimentos maiores no estudo do nível ilocucionário suscitaram críticas à sua filosofia da linguagem. No entanto, muitas dessas críticas decorrem dos modos diversos pelos quais a filosofia austiniana foi reapropriada, em especial pela teoria dos atos de fala de Searle (1969), que descartou toda a discussão filosófica e produziu uma visão formalista muito diferente da preocupação empirista de seu mestre (RAJAGOPALAN, 1996; OTTONI, 2002; PENNYCOOK, 2007).

Austin colaborou para a compreensão de linguagem numa perspectiva externalista, continuando um caminho já trilhado por autores(as) anteriores a ele, compreendendo que linguagem e mundo estão imbricados, o que consideramos “real” não é apenas descrito pela linguagem, a “realidade” é um modo de falar sobre ela (MARCONDES, 1990). Se o ser não é, mas pode ser dito de muitas maneiras (BARBOSA FILHO, 1973), não interessa buscar uma realidade extradiscursiva sobre a qual teremos acesso por “meio” da linguagem. Essa ideia de linguagem como mediadora ainda encontra lugar de destaque em muitas teorias (cf. Análise Crítica do Discurso³), apesar de, num horizonte socioconstrucionista mais

³ Fairclough (1991), um dos autores mais influentes da ACD, defende a existência de um nível de realidade (superestrutura) independente das práticas

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

radical, nem a dor ou as emoções serem consideradas estados pré-linguísticos (LUTZ E ABU-LUGHOD, 1990; FREIRE COSTA, 2001; BUTLER, 2009; REZENDE E COELHO, 2010). Elas só existem porque falamos sobre elas, e essa forma de apresentar o ser-dizer atribui papel especial à linguagem, que deixa de ser apenas ferramenta para mediação entre supostos níveis ontológicos profundos e o nosso conhecimento sobre eles.

Uma instigante releitura do trabalho seminal de Austin é a de Butler (1997) ao tomar a injúria como ponto de partida para problematizar a tríade constitutiva dos atos de fala. Segundo ela, ao mostrar o ato de fala com potencial tripartido, Austin parece sugerir que há: 1- uma intenção antes do uso da palavra, ou seja, o sujeito seria anterior ao ato de fala; 2- um nível instrumental das palavras; e 3- um resultado do uso da palavra, que seria diferente da palavra em si. Para Butler, o performativo austiniano apresenta as palavras como instrumentos para a realização de ações, quando, na verdade, as palavras são a própria ação.

A compreensão disseminada, inclusive no senso comum, de que a palavra se separa de seu efeito, que uma ofensa acontece “apenas” no âmbito do discurso, desconsidera a fala como ato corpóreo. Para Butler, a linguagem faz nascerem corpos: ela os sustenta ou ameaça a sua existência. São possíveis apenas aqueles corpos que nomeamos e reconhecemos. O nosso próprio corpo só existe porque é reconhecido pelos(as) outros(as): “Alguém ‘existe’ não apenas por ser reconhecido, mas também, em um primeiro momento, por ser reconhecível.” (BUTLER, 1997, p.5)

Um importante ganho em se considerar linguagem da maneira apresentada pela autora está na prioridade dada à responsabilidade por aquilo que nossos discursos são capazes de fazer. Como a própria

de linguagem, mas que pode ser alterado em função delas. A preocupação com a mudança social é importante, porém uma visão performativa de linguagem está ausente nesse campo de estudos.

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Butler reconhece, há uma relação complexa aí estabelecida: como atribuir agência à linguagem, se agência é um atributo de pessoas? Fazemos a linguagem, e ela nos constitui, o que acaba com a cisão “palavras” e “ações de fato” e cria uma dialética importante na compreensão sobre linguagem e ação:

Fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem, e fazemos coisas à linguagem, mas a linguagem também é aquilo o que fazemos. Linguagem é um nome para nossa ação: tanto o ‘quê’ fazemos (o nome para a ação que caracteristicamente encenamos) e aquilo que fazemos acontecer, o ato e suas consequências (BUTLER, 1997, p.8).



Se linguagem é ação corpórea e se faz da repetição, a citacionalidade do discurso aumenta nossa responsabilidade sobre ele (BUTLER, 1997, p 27). Podemos repetir e inovar, ou apenas nos assujeitarmos a comportamentos regulados socialmente⁴, restringindo ou ameaçando certos modos de vida social. Entender que a linguagem é uma repetição de atos de fala que tem o poder de produzir ou aniquilar vidas significa que o que fazemos com a linguagem não pode estar separado da materialidade — principalmente dos corpos (PINTO, 2009).



O poder da linguagem na “ontologia social” é desenvolvido por Butler (2009) em sua obra *Frames of War* de maneira muito significativa. A autora destaca que a ontologia é sempre social porque não há resposta à pergunta ‘o que é uma vida humana?’ que não seja produzida por pessoas. Butler entende os discursos que regulam nossos modos de interpretação e ação como frames, ou seja, enquadres, que regulam inclusive nossas emoções, tradicionalmente situadas em terreno privado e individual, posto que sentimos como grande perda algumas mortes e outras

4 A compreensão de certos modos de ser e agir como regulações sociais é um desdobramento da discussão em curso neste capítulo. Isso não significa que cotidianamente as pessoas sempre tenham consciência de que suas ações são resultado de discursos repetidos há tempos, pois um dos efeitos dessa repetição é justamente a impressão de fato natural, de que sempre aconteceu assim.

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

sequer nos comovem. Para que tais enquadres se estabeleçam na determinação de certas vidas como possíveis e outras como impensáveis é preciso que eles se repitam, pela iterabilidade e citacionalidade propostas por Derrida (1988, [1972]), à exaustão até parecerem fatos naturais. Dessa forma, eles atingiriam sua hegemonia, exemplificada na coordenação de nossas emoções quanto as quais vidas devem ser choradas.



Assim como linguagem, gênero, raça, sexualidade ou vida humana legítima, os enquadres precisam da repetição para produzir certo ideal normativo. A repetição é sua condição de possibilidade, porém é ela também que permite o rompimento com a cadeia de repetições ao possibilitar uma repetição mal feita, uma “cópia” inexata. Esse precioso performativo parasitário é o que inaugura novos sentidos transgressivos, e ele só é possível porque a performatividade atua desse modo.

Em resposta ao que chama de “imperativo pós-moderno de se repensar a linguagem”, Pennycook (2010, p. 14) defende que toda prática de linguagem é local e se faz de repetição e diferença, aproximando-se da perspectiva butleriana. Se o espaço se produz nas interações, toda e qualquer prática de linguagem será local, independentemente de uma compreensão mais tradicional que distribui os eventos em escalas micro e macro. Além disso, a linguagem se faz de “repetição como um ato de diferença” (PENNYCOOK, 2010, p.36) em nossas práticas locais, pois ao repetirmos um enunciado, por exemplo, encontramos momento, local, palavras e pessoas diferentes (mesmo que os(as) interlocutores(as) não mudem!), o que já torna a repetição um ato criativo e potencialmente transgressivo.



Desse modo, não faz sentido falar em um sistema linguístico anterior e orientador das práticas. A aparência de regra fixa de uma gramática se estabeleceu por repetição exaustiva, uma repetição que fixou certa norma e nesse percurso transformou a produção

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

da diferença em erro. A discussão de Pennycook subverte o pensamento modernista que fez da repetição uma prática hierarquizante de ordenação e geração de inteligibilidade acerca da vida social quando afirma que “devemos tomar a diferença como a norma e a igualdade como aquilo que precisa ser justificado” (PENNYCOOK, 2010, p. 37).

A performatividade da linguagem apresentada na gramática emergente (Hopper, 1998) é aproximada, na obra de Pennycook (2010), à performatividade de gêneros de Butler: a regra é uma invenção confortável estabelecida por repetição, num movimento de ordenação da vida social que apagou a estrutural produção de diferença das práticas. A performatividade austiniana, que enfocava como a “linguagem performa no ato de fala” (PENNYCOOK, 2007, p.70), foi, assim, retomada por Butler (2007 [1990]) na discussão sobre gêneros. Para autora, se a linguagem é ação, quem somos se constitui nas ações corpóreo-discursivas, não existindo uma essência anterior a definir uma “identidade”, assim como não haveria essência em um sistema da língua. Ou, ainda: “Não somos como somos por conta de um eu interior, mas por conta do que fazemos” (PENNYCOOK, 2007, p.70).



A ideia de performance sugere que estamos o tempo todo encenado para as outras pessoas, mas que essa performance não equivale a liberdade teatral total, remetendo-se a repertórios sedimentados. O “truque performativo” discutido por (BUTLER, 2007 [1990], p. 26) dá aparência de substância a certos discursos, que se sedimentam por repetição exaustiva, dando-lhes aparência de naturalidade. A tais discursos Pennycook (2007, p. 26) chama “performativos”, contrastando-os com a performatividade, numa distinção operatória que será aqui adotada. É importante destacar que não se sugere com tal distinção que os performativos não envolvam a repetição transgressiva inerente a quaisquer práticas de linguagem. O que se defende aqui é o emprego de uma nomeação

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

que possibilite a análise da atuação da performatividade sobre discursos submetidos ao truque performativo que mitigou as potencialidades subversivas da repetição.

Se as práticas de linguagem são ações que nos constituem, nossos discursos têm papel importante nas performances identitárias:

O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui alguns aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, **estranho a uma condição humana plenamente viva**⁵ (BAPTISTA, 1999, p. 46).

Como Epstein et al. (2001, p.157) indicam, “nem todos(as) precisam sofrer violência para ter seu comportamento regulado”. Os discursos dos(as) amoladores(as) de facas de Baptista são importantes nessa regulação, e a violência física, quando acontece, muitas vezes é interpretada como punição merecida por falta de auto-regulação, numa aplicação mórbida e sádica do ditado popular: “quem avisa amigo(a) é”.

Tais discursos disseminados por “amoladores(as) de facas” são definidos por Butler (2009) como enquadres (frames)⁶ que orientam nossa interpretação sobre o que deve ou não ser considerado humano. Como a autora discute, algumas notícias de morte são recebidas por nós com absoluta consternação, enquanto outras parecem não nos dizer respeito. Essa coordenação das



⁵ Grifo nosso.

⁶ O conceito discutido por Butler parece ser o mesmo de Goffman (1974), embora ela não o cite. Talvez isso se dê pelo fato de Butler não considerar o “enquadre” no sentido analítico-interacional goffmaniano, mas sim enquanto orientações específicas para as emoções ajudando a definir o que é vida humana.

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

emoções se dá em função de enquadres interpretativos socialmente estabelecidos acerca de quais vidas devem ser choradas, ou seja, de quais vidas devem ser consideradas dignas da condição humana plenamente viva indicada por Baptista. Tais enquadres constituem nossos modos de recepção e inteligibilidade, levando-nos, assim, a considerar que jovens negros assassinados pela polícia enquanto brincavam correndo à noite não são dignos do mesmo luto que um pai de família morto em um assalto. Se esse pai de família for branco e de classe média o luto pode inclusive ser intensificado sem maiores reflexões, pois esses enquadres estão naturalizados e sequer percebemos sua atuação.



É importante apontar que, ao defender que linguagem é performance, estamos apresentando uma visão de estudos da linguagem como ciência social. Interessa-nos, nessa compreensão de linguagem como performance, compreender os modos de atuação desses enquadres ao desqualificar certos grupos sociais, definindo a eles lugares socialmente marginais. Soma-se a esse interesse a necessidade de se repensar práticas discursivas causadoras de sofrimento, buscando modos de atuação sobre elas a fim de operar algum tipo de transformação social.

COMO AGIMOS NO MUNDO COM NOSSOS DISCURSOS

Considerando que, ao enunciarmos, estamos agindo por meio da linguagem e de discursos, nos espaços online encontramos vários exemplos de ações que são realizadas e cujos efeitos provocam situações de contestação ou mudança. Um exemplo disso pode ser observado no lançamento das camisetas para a Copa do Mundo 2014⁷, em fevereiro de 2014. A Adidas, uma das patrocinadoras

⁷ Ferreira (2015), em sua dissertação, analisa a trajetória textual das camisetas aqui citadas.

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

do evento, lançou em meados de fevereiro uma camiseta em homenagem ao evento esportivo:



Figura 1: Camisetas para a Copa do Mundo

Ao serem veiculados nas redes sociais, os objetos de consumo viajaram por percursos variados. A ação, realizada em cada trajetória, gerou protestos e manifestações contrárias e sinaliza para discursos sobre hipersexualização das mulheres brasileiras, turismo sexual etc. Pelas concepções de linguagem como performance explanadas anteriormente, podemos dizer que tais discursos sobre a brasileira como objeto sexual são repetidos pela iterabilidade e citacionalidade (DERRIDA, 1988 [1972]) há tempos, mais especificamente, desde a ditadura, quando se iniciou uma das formas de divulgação do país por meio de propagandas que colocavam as mulheres brasileiras de pele morena, miscigenada ou negra como um ponto turístico a ser visitado.

Esses discursos são retomados na camiseta, colocando os corpos das mulheres brasileiras mestiças e negras como mais hipersexualizadas do que os das brasileiras brancas. Se entendemos

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

que a linguagem é ação corpórea cuja citacionalidade aumenta nossa responsabilidade sobre ela (cf. seção anterior), podemos dizer que a Adidas, ao reiterar tais discursos sobre os corpos das brasileiras, encena certos tipos de atos de fala que nos mostram o poder performativo da linguagem. Ao reverberar esses discursos, a empresa não apenas descreve corpos de mulheres brasileiras negras, morenas e mulatas, mas também, e principalmente, ajuda a construí-los de maneira ofensiva, como atrativos sexuais para turistas estrangeiros, à moda de certos cartões postais que apresentavam o Rio de Janeiro, por exemplo, com a praia de Copacabana e corpos das mulheres citadas de biquíni em destaque. As camisetas em tela, portanto, reforçam a ideia já repetida há tempos desde a época da ditadura sobre a brasileira como um corpo disponível.



Por outro lado, os atos de fala de protestos e de manifestações que percorreram a web (repetidos em blogs, jornais, revistas etc.) contra os objetos de consumo podem sinalizar que estamos, segundo Rampton (2006), refletindo sobre nós mesmos e contestando os sofrimentos trazidos a certos corpos femininos brasileiros que são construídos negativamente. Além disso, eles mostram que tais atos geraram efeitos observados na retirada das camisetas do mercado e do site da empresa, acarretando, assim, prejuízos para a mesma.

Outro exemplo de ação realizada pela linguagem está nos posts que circularam no *Twitter*, no primeiro episódio de um programa de TV (exibido em outubro de 2015) que mostra crianças cozinhando. Algumas das mensagens com conotação sexual veiculadas citavam, especialmente, uma participante de 12 anos, branca e de olhos claros:



DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO



Figura 2: Posts no Twitter

Embasadas em Butler (1997), que afirma que a linguagem faz nascerem corpos, podemos observar que, no contexto mencionado, os atos de fala performativos (figura 2) indicam que o corpo infantil feminino, assim como os corpos femininos adultos, são construídos, desde a infância, como disponíveis para abusos sexuais. Segundo a autora, “alguém ‘existe’ não apenas por ser reconhecido, mas também, em um primeiro momento, por ser reconhecível” (BUTLER, 1997, p.5). Esse reconhecimento ocorre pelas ações que realizamos com a linguagem. Na situação em análise, o corpo de uma criança é reconhecível pelo outro como aquele que também pode ser violentado, inclusive pela linguagem e simbolicamente. Não podemos esquecer, contudo, que mesmo simbolicamente uma ação discursiva e performativa de violência foi realizada.

Os efeitos discursivos a tais ações, de um lado, foram debates acalorados nas redes sociais sobre a violência sexual contra crianças, o lançamento de uma campanha no próprio *Twitter*, por uma ONG, em que várias mulheres relatam abusos que sofreram na (desde a) infância. Por outro lado, foi divulgado um disque denúncia específico para abusos contra menores na internet, além

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

da possibilidade de instauração de um processo contra aqueles que compartilharam os *posts* citados e várias denúncias de internautas nas próprias redes sociais; assim como o pronunciamento da própria emissora que produz o programa, repudiando quaisquer manifestações de pedofilia em relação aos participantes. A linguagem é um modo de falarmos da realidade e de realizá-la, não apenas descrevê-la (MARCONDES, 1990). Além disso, conforme Butler (1997) há a responsabilidade por aquilo que nossos discursos são capazes de fazer. No caso da Figura 2, nossos discursos são capazes de violentar simbolicamente os corpos femininos desde sua infância.

Considerando a noção de enquadres sobre vida humana legítima desenvolvida por Butler e discutida na seção anterior, cabe mencionar que em junho de 2015 foi divulgada notícia sobre trabalho infantil e abuso sexual contra meninas quilombolas na região central do Brasil. O caso das meninas negras, descendentes de pessoas escravizadas, não gerou a mesma comoção e volume de discursos em sua defesa nas redes sociais como percebemos no caso da menina branca Valentina. Aqui a ideia de coordenação de nossas emoções e hierarquização de vidas humanas fica latente: ainda que inconscientemente, indica-se que meninas brancas valem mais a nossa indignação; de certa forma autoriza-se o esquecimento do caso das meninas (sem nome) quilombolas e recrimina-se o silêncio em relação ao caso da menina branca cujo nome sabemos e repetimos. Não sugerimos aqui que não se deva gerar volume considerável de discursos criticando o ato criminoso praticado contra a menina Valentina, nossa discussão recai sobre os enquadres socialmente estabelecidos que compelem boa parte das pessoas a se sentirem à vontade para dar menos importância ao caso de pedofilia contra as meninas negras.

Nesta perspectiva de que nossos discursos performam ações na vida social, apresentamos outra ação realizada nas redes



DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

sociais. Uma moça negra publicou em seu perfil uma foto com o namorado branco. Após, em seu perfil, por meio de atos de fala performativos de raça, foram realizadas várias ações racistas. Nos comentários localizados ao lado da foto, é possível perceber que os corpos negros femininos ainda são considerados ilegítimos e construídos por índices linguísticos que inferiorizam a moça negra. Nos atos de fala performativos mencionados, encontramos discursos que nos remetem à escravidão, sugerindo que a questão racial ainda é um problema em contexto brasileiro. A linguagem não é, aqui, descritiva, ela age na vida social construindo vidas e corpos e ferindo pessoas:



Figura 3: Post sobre raça

Retomando Butler (2007, [1990] ao dizer que o “truque performativo” parece dar a aparência de substância a certos discursos, podemos observar que no caso dos atos de fala performativos da figura 3, eles naturalizam que os corpos negros femininos são

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

inferiores e desumanizados. Ações racistas geraram indignação na própria rede social em que a foto foi publicada. As ações racistas verificadas no perfil da moça negra chamaram atenção da mídia tradicional e o ocorrido foi veiculado em vários jornais e teve como efeito além de manifestações de repúdio de movimentos sociais, a instauração de inquérito. Podemos considerar também que os discursos de inferioridade, vistos na escravidão, ganharam nova roupagem e continuam a viajar séculos sendo atualizados em novos contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos nas três ações discutidas que a linguagem está para além da descrição proposta pelo estruturalismo. Ao compreendê-la como performance, entendemos que na e pela linguagem ações são realizadas. A perspectiva linguística aqui tratada é importante para compreendermos como as performances identitárias são construídas. Nesta construção, os conceitos de iterabilidade e citacionalidade são relevantes para compreendermos como os discursos se propagam e viajam pelas fibras óticas ou wifi ao clicar de um mouse ou um toque na tela. Além disso, pela linguagem como performances, é possível observar que tais ações discursivas provocam efeitos que afetam vidas, corpos e iniciam, também, a naturalização da violência simbólica e física para alguns grupos específicos.

Nos enquadres das ações mostradas neste capítulo, os corpos femininos morenos, mestiços, negros e infantis são construídos como ilegítimos, mas tal construção gerou efeitos inesperados como a retirada das camisetas, punições jurídicas etc. A mesma linguagem que usamos para enunciarmos nossas indignações também é aquela que fere e deslegitima certas vidas. Essas ações são iniciadas na linguagem e no discurso, desenhando, dessa forma, uma trajetória de violência simbólica e física naturalizada



DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

por discursos que desumanizam certos corpos.

Considerar a linguagem como performance nos traz ganhos, pois podemos pensar nas possibilidades de performatividade que também são construídas na linguagem e por ela. Desta forma, estamos ainda colocando a linguagem como ciência social, como dito anteriormente, e podemos entender a desqualificação ou inferiorização de certos corpos, colocando-os em determinados lugares vistos como socialmente marginalizados, compreender os sofrimentos causados pela linguagem e a possibilidade de desconstruí-los e reinventá-los.

Percebemos também os efeitos discursivos das performances identitárias encenadas nas situações exemplificadas. Elas mostram que fazemos coisas com a linguagem e que a linguagem também é aquilo que nos faz. Como estamos em tempos de reflexividade sobre nós mesmos, a linguagem como performance constrói essas reflexões e ainda é afetada por elas.

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGUÍSTICA

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Trad. de MARCONDES, D. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].

BAPTISTA, L. A. dos S. A Cidade dos Sábios: reflexões sobre a dinâmica social das grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.

BARBOSA FILHO, B. Nota sobre o conceito de jogo-de-linguagem nas “Investigações” de Wittgenstein. ITA-Humanidades, vol. 9, 1973, p. 75-104.

BUTLER, J. Gender Trouble. Londres: Routledge, 2007[1990].

_____. Excitable speech: a politics of the performative. Nova Iorque: Routledge, 1997.

_____. Undoing Gender. Nova Iorque: Routledge, 2004.

_____. Frames of War. When is life grievable? Nova Iorque: Verso, 2009.

DERRIDA, J. Signature event context. In: _____. Limited inc. Evanston: Northwestern University Press, 1988. p. 1-23.

EPSTEIN, D.; O'FLYNN, S.; TELFORD, D. (2001) Othering education: sexualities, silences, and schooling. Review of research in education, vol 25, 2000-2001, p. 127-179.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Trad. de MAGALHÃES, I. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FREIRE COSTA, J. A questão do sentido em psicanálise. In: BEZERRA Jr., B. et alii (eds.) Corpo, afeto e linguagem: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2001, p. 199-218.

FERREIRA, J.T.R. A trajetória textual

GOFFMAN, E. Frame Analysis: an essay on the organization of

DISCURSO: SENTIDOS E AÇÃO

experience. Boston: Northeastern University Press, 1974.

LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. "Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life." In: ---. (eds.) Language and the politics of emotion. 1990, p. 1-23.

MARCONDES, D. A filosofia da linguagem de J.L. Austin. In : AUSTIN, J. L. (1990 [1962]). Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Trad. de MARCONDES, D. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990, p. 7-17.

OTTONI, P. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. D.E.L.T.A. 18-1. 2002, p. 117-183.

PENNYCOOK, A. Global Englishes and Transcultural Flows. Nova Iorque: Routledge, 2007.

_____. Language as a local practice. Nova Iorque: Routledge, 2010.

SEARLE, J. Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

RAJAGOPALAN, K. O Austin do qual a Linguística não tomou conhecimento e a Linguística com a qual Austin sonhou. Cad. Est. Ling., Campinas, (30), jan/jun.p.105-115, 1996.

RAMPTON, B. Late modern language, interaction and schooling. In: RAMPTON, B. Language in late modernity: interaction in an urban school. Cambridge: Cambridge Press, 2006.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

COLEÇÃO MESTRADO EM LINGÜÍSTICA